



**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

O PAPEL DO ENFERMEIRO NA EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES

SILVA, JOÃO HENRIQUE GONÇALVES¹

PESSOA, KARINE SYMONIR DE BRITO²

JOANA DARC DANTAS SOARES³

RESUMO

A adolescência é um período marcado por diversas modificações e descobertas, nesse período surgem questionamentos e desejos próprios do adolescente, fazendo com que eles busquem uma nova forma de viver a qual na maioria das vezes inclui o sexo sem proteção. Frente a essa realidade, os profissionais de saúde e os educadores devem se unir para desenvolver projetos que trabalhem a educação sexual. É proposto nesse estudo o objetivo de Compreender por meio da literatura o papel do enfermeiro na educação sexual de adolescentes estudantes da educação básica. Trata-se de revisão de literatura, cujos critérios de inclusão contemplaram estudos publicados no período compreendido entre os anos de 2007 e 2017, disponíveis na base (Scientific Electronic Library Online), idioma português, estrutura completa de artigo científico, utilizando os termos de busca: Sexualidade, Adolescência e Enfermagem. A adolescência é vista como uma fase da vida exposta a vulnerabilidades no que tange a sexualidade, isso devido os adolescentes terem acesso à educação sexual ou por terem um conhecimento equivocado sobre o assunto. Os estudos apontam a escola como equipamento social que pode contribuir positivamente nesse aspecto e os profissionais de enfermagem como sendo profissional capacidade para lidar com a temática, o excesso de serviços burocráticos e a escassez de material didático dificultam as intervenções, entretanto deve-se assistir esse público de maneira inovadora e eficaz para que os mesmos possam viver responsavelmente os prazeres e limites de sua sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade. Adolescência. Puberdade. Educação sexual. Enfermagem.

¹ Graduando em Enfermagem – jh_goncalves@hotmail.com

² Prof^ª. Dr^ª. Orientadora – karine.symonir@gmail.com

³ Prof^ª. Ms. Coorientadora – joanadarc_enfe@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é um período marcado por diversas modificações e descobertas, esse período é caracterizado pelo final da infância e antecede a fase adulta, perpassa inúmeras transformações tanto corporais quanto psicológicas e nas relações afetivas.

Segundo o Ministério da Saúde brasileiro esse período compreende a faixa etária entre 10 a 19 anos de idade de um indivíduo, e tem como marco inicial a puberdade, período no qual há diversas modificações corporais associadas às transformações no seu âmbito social e cognitivo do adolescente (BRASIL, 2012).

O início da adolescência é denominado de puberdade, nessa fase ocorrem transformações psicológicas e biológica do corpo do indivíduo é onde inicia-se a fase de desenvolvimento reprodutivo e é marcado por características diversas entre o sexo masculino e feminino (ZANOTTO, CRISOSTIMO, 2011).

As mudanças que acompanham o adolescer estão ligadas principalmente ao corpo e ao psiquismo, no que tange as modificações biológicas podemos citar: mudança na tonalidade da voz e maturação dos órgãos sexuais, ou seja, a transição do corpo infantil para o corpo adulto (RÜCKER, 2015).

É nesse período que surgem questionamentos e desejos próprios do adolescente, fazendo com que eles busquem uma nova forma de viver a qual na maioria das vezes inclui o sexo sem proteção, que conseqüentemente os deixam suscetíveis à gravidez indesejada e precoce, além de propiciarem as Infecções sexualmente transmissíveis (IST's) (SILVA *et al.*, 2015).

Frente a essa realidade, os profissionais de saúde e os educadores devem se unir para desenvolver projetos que trabalhem a educação sexual, principalmente em instituições que reúnam esses jovens, com o intuito de abrir discussões e repassar orientações para que os mesmos possam lidar com essas questões com mais segurança e optem por uma prática sexual saudável e livre de comorbidades (SOARES, 2015).

Ainda segundo Soares (2015), os profissionais que trabalham na Estratégia de Saúde da Família (ESF) tem conhecimento sobre a situação socioeconômica e cultural das famílias adscritas de sua área, o que contribui para o planejamento de

atividades e intervenções para se trabalhar a educação sexual com essas pessoas, sem esquecer que essas ações devem se estender ao núcleo familiar, nesse contexto destacamos o papel do enfermeiro como sendo um desses profissionais. Além disso, a ESF deve estar sensível às necessidades dos adolescentes para que haja o fortalecimento do vínculo entre estes e a equipe de saúde.

Criado pelo Decreto nº 6.286/2007 o Programa Saúde na Escola (PSE), é mais um dispositivo oferecido as ESFs para trabalharem com os adolescentes no âmbito escolar, é importante trabalhar atividades de promoção à saúde sexual e de prevenção as IST/AIDS de uma forma sistemática e dinâmica, de modo que envolva os professores e parceiros da educação (LIMA, 2014).

A educação em saúde e a educação sexual devem ser direcionadas de forma diferenciada para o sexo masculino e feminino, devido à forma como meninos e meninas compreendem essa fase, pois a sociedade espera suavidade no sexo feminino e agressividade do masculino (ZANOTTO, CRISOSTIMO, 2011).

A Educação sexual deve ser feita de forma preventiva, devendo ser um processo contínuo, de forma a existir socialização e mudanças de atitudes nos adolescentes (RAMIRO *et al*, 2011).

Sendo tão comum os jovens iniciarem suas atividades sexuais sem antes compreender responsabilmente os riscos e os prazeres que envolvem tal ato, seja por falta de diálogo na família, onde se encontra o maior tabu, ou por falta de orientação nas escolas, sendo essa situação algo inquietante e ao mesmo tempo de extrema relevância, o presente estudo buscará por meios metodológicos pré-definidos investigar por meio da literatura o papel do enfermeiro na educação sexual de adolescentes. Dessa forma tem-se o seguinte questionamento: Qual o papel do enfermeiro frente à educação sexual de adolescentes estudantes da educação básica? Assim, foram propostos nesse estudo os seguintes objetivos:

- Compreender por meio da literatura o papel do enfermeiro na educação sexual de adolescentes estudantes da educação básica;
- Identificar as dificuldades enfrentadas pelo enfermeiro na educação sexual de adolescentes estudantes da educação básica;
- Descrever as estratégias utilizadas pelo enfermeiro para reduzir as limitações enfrentadas pelos de adolescentes no tocante a sexualidade na educação básica;
- Identificar projetos de assistência à saúde do adolescente na escola.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

2.1.1. O ADOLESCER

A palavra “adolescer” refere-se ao processo vivenciado nessa etapa da vida, vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), fazendo referência ao desenvolvimento natural do individuo neste período (OUTEIRAL, 2003).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é a etapa da vida que compreende entre 10 e 19 anos, já no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069, de 1990 define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (artigo 2º), em casos excepcionais conforme os artigos 121 e 142 e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (BRASIL, 1990).

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que está entre a infância e a idade adulta, marcada inúmeras mudanças corporais, sendo uma fase de fenômenos fisiológicos denominado puberdade. (ARAÚJO et al, 2015).

A puberdade é a fase inicial da adolescência e difere-se nas meninas e meninos, as mudanças corporais são influenciadas por alterações hormonais que proporcionam o surgimento de seios, pelos pubianos e axilares, acne na faces entre outros. (RÉ, 2011).

Nos meninos há um crescimento inicialmente dos pés e das mãos, logo após há um aumento significativo no seu tamanho, o que configura-se o conhecido “estirão do crescimento”, no mesmo período ocorre o ganho gradativo de força muscular e através de estímulos hormonais ocorrerem também mudanças na tonalidade da voz (BRASIL, 2012).

Ainda segundo Brasil (2012) nos meninos há um aumento na produção de andrógenos, principalmente testosterona, os quais estimulam o crescimento dos genitais, ocasionando o aumento dos testículos e do pênis, além do aparecimento de pelos na púbis, nas axilas, no rosto e no restante do corpo.

No caso das meninas o início da puberdade se dá por um fenômeno chamado de “menarca” ou a primeira menstruação, onde o organismo se prepara para o processo reprodutivo e para a vida sexual (COSTA et al 2011).

Além disso, há o alargamento do quadril, nádegas coxas tornam-se mais desenvolvidas, o tecido adiposo se expande, as glândulas mamárias crescem e aparecem os primeiros pelos pubianos e axilares (RÉ 2011).

No que se refere ao desenvolvimento do sistema reprodutor feminino interno, têm-se volume dos ovários aumentados e a libertação de ovócitos, sucedendo as modificações endometriais e do colo uterino, consequentemente a primeira menstruação e as secreções vaginais (REIS, 2013).

Concomitante as mudanças que acontecem nessa fase da vida, há o fortalecimento da autonomia e da independência, com isso os adolescentes tornam-se mais vulneráveis a experimentação de condutas e experiências que de certa forma pode ser importante fonte de risco para a saúde, como por exemplo o sexo sem proteção (SOARES, 2008; MALTA, 2010).

Posto isto, torna-se indispensável fornecer aos adolescentes informações relacionadas à vivência segura de sua sexualidade nessa fase da vida, principalmente levando em consideração o contexto social e cultural em que vivemos, conhecido pelo exagero, onde existe crises éticas e sociais, comprometendo ainda mais o comportamento saudável e correto no seu meio social, familiar e escolar. (SANTOS, 2014)

2.1.2. POLÍTICAS DE ATENÇÃO A SAÚDE DO ADOLESCENTE

Somente no ano de 1989 o Ministério da Saúde considerou a atenção integral a saúde dos adolescentes prioridade dentro de suas ações, foi então criado um programa específico chamado de PROSAD – (Programa Saúde do Adolescente e do Jovem), antes desse marco histórico, os indivíduos que estivessem nessa fase da vida eram atendidos por ações do programa de atenção integral à saúde materno-infantil, como demanda geral, ou não eram assistidos. (NETO *et al*, 2014).

Neto (2014) destaca que

No ano de 1999 o Ministério da Saúde, devido aos elevados indicadores de parto de adolescentes no Sistema Único de Saúde (SUS), firmou parceria

com as Sociedades Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia e de Pediatria e a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) para desenvolver qualificação de seus pares. A ABEn, com isto, criou o Projeto Acolher: Um Compromisso da Enfermagem com o Adolescente Brasileiro, fato que proporcionou um amplo debate na classe da Enfermagem sobre a temática e a problemática da adolescência, além da sensibilização destes, e a possibilidade do estabelecimento de novas práticas de cuidados específicos para esta clientela. (NETO *et al.* 2014, p. 84).

Mesmo com o início de ações voltadas para o público adolescente ter se dado no ano de 1989, somente 10 anos depois se consolidam e ganham força no Brasil, desde então o governo do país tem fomentado uma série de iniciativas voltadas para a promoção da saúde dos adolescentes, inclusive firmando parcerias com a Associação Brasileira de Enfermagem.

No ano de 2005 o Ministério da Saúde lançou dois documentos um relacionado à saúde integral de adolescentes e jovens que tinha o intuito de nortear a organização dos serviços de saúde, e o outro intitulado de Marco Legal da Saúde de Adolescentes, instrumentalizando por meios legais de proteção aos direitos desses indivíduos, sendo esses a plena garantia do seu direito a saúde, tanto em território nacional, como internacional (BRASIL, 2005).

Já no ano de 2007 o governo do Brasil elaborou em conjunto com a sociedade civil a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde dos Adolescentes e Jovens, esse documento está fundamentado nos direitos humanos, tendo como eixos norteadores a constituição federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente e coloca a criança e o adolescente como atores sociais, detentores de direitos próprios, tornando-se independentes de seus familiares e do próprio estado (BRASIL, 2007).

Ainda em 2007 o Ministério da Saúde emite o documento considerado Marco Teórico e Referencial relacionado à saúde reprodutiva dos adolescentes e jovens, o mesmo permeia sobre a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes e discute a cerca dos seus direitos. O documento está fundamentado na construção de conhecimento sobre a sexualidade dos adolescentes brasileiros, além de fundamentar-se nas experiências políticas de outros membros da sociedade e de esforçar-se para a garantia dos direitos dos adolescentes e jovens do país (BRASIL, 2007).

Outra ação de grande relevância nesse sentido é o Programa Saúde na Escola (PSE), um programa vinculado a duas entidades importantes do país, o ministério da saúde e o da educação, instituído pelo Decreto nº 6.286, de 2007 este programa é voltado para avaliar as condições de saúde dos estudantes e desenvolver ações de segurança alimentar, promoção de atividades físicas e relacionadas educação sexual, neste sentido aborda principalmente temas que estimulem a práticas saudáveis e de prevenção as doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e entre outros, o PSE tem como público alvo estudantes da rede pública educacional (BRASIL, 2013).

Ainda segundo o Ministério da Saúde, dentro do PSE contempla o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) que é mais uma intervenção com o objetivo de colaborar de forma integral no processo formativo dos estudantes da rede pública de educação básica através de atividades que visem a prevenção, promoção e atenção à saúde. (BRASIL 2013).

Presume-se que quanto mais cedo forem desenvolvidas atividades ligadas a promoção à saúde e que envolva o individuo de forma ativa na aquisição de informações sobre as condições de saúde, tais atitudes possibilitam uma mudança na situação atual relacionada a saúde do adolescente, tendo como consequência adultos mais saudáveis. No entanto, é de suma importância que tais ações aconteçam continuamente, com temas e meio metodológicos diferentes, respeitando o público alvo e tendo formas de avaliação da eficácia dessas ações, averiguando as possíveis mudanças e o auto conhecimento, instigando os adolescentes adotarem uma vida saudável (VIERO et al 2015).

2.1.3. O ACOLHIMENTO DO ADOLESCENTE NA ATENÇÃO BÁSICA

Considerada como uma etapa marcada por transformações e descobertas, a adolescência é um período que requer uma atenção especial, pois é nessa fase que se adquirem hábitos e estilos de vida que os acompanharão pela vida e que influenciarão direta ou indiretamente na condição de saúde do indivíduo, por esse motivo a atenção integral aos adolescentes configura-se como indispensável, pois garante um desenvolvimento saudável (REIS, 2013).

Para se estabelecer a integralidade da assistência nesses casos, o atendimento deve começar bem antes da consulta ou da procura desses adolescentes, isso se dá através do acolhimento que utilizado como uma das habilidades para garantir a concretização do Sistema Único de Saúde. Garantido pela Constituição Federal de 1988 e na Lei 8080/90, seguindo os princípios da universalidade do acesso, integralidade das ações, equidade, qualidade e responsabilidade (OLIVEIRA et al 2008)

Ainda que o termo acolhimento refira-se recebimento na entrada, na chegada ao serviço, é imprescindível destacar a indispensabilidade do acolhimento se fazer presente em todos os momentos do cuidado dispensados à saúde do adolescente para que seja respeitado o princípio da integralidade. (COSTA *et al*, 2012)

A integralidade, nesta linha de raciocínio, refere-se à compreensão das necessidades do ser, desde o encontro com a equipe de saúde até o momento do atendimento propriamente dito. Para isso se faz necessário inovar os métodos relacionados ao processo do cuidar, agregando ao conhecimento técnicos às a subjetividade do indivíduo, nessa ótica, o profissional de saúde alcança as necessidades dos adolescentes, gera-se acolhimento e proporciona o fortalecimento do vínculo profissional/usuário (SOUSA, ERDMANN, MOCHEL, 2010).

Ainda para Costa (2012) o ingresso do adolescente à atenção básica deve ser assegurado, bem como deve se adequar as suas especificidades, levando em consideração a política de atenção à saúde desse público. O serviço proporcionar atividades que favoreçam a participação do adolescente e isso se dá a partir do acesso e do acolhimento, nessa perspectiva estes consolidam seu vínculo com os profissionais de saúde e, desse modo, atingem a autonomia.

A Atenção Básica representa um papel importante nesse sentido, pois dá abertura para que sejam trabalhadas estratégias de promoção à saúde e ao mesmo tempo possui uma gama de subsídios para tal, sendo a Enfermagem um dos pilares mais relevantes, pois carrega consigo uma prática histórica de trabalho com prevenção de doenças e educação em saúde, os adolescentes por sua vez, possuem uma grande abertura a esse tipo de ação. (CAVALCANTE E XIMENES, 2005).

3. MATERIAIS E MÉTODO

A metodologia no trabalho científico corresponde ao caminho que será trilhado em busca de respostas para o questionamento inicial, é uma forma de ordenar e organizar etapas de uma ação para atingir um objetivo específico (XAVIER, 2010).

Ainda para Xavier (2010) pode ser compreendida como uma formula comprobatória da investigação onde os instrumentos utilizados cumprem o papel de verificadores dos fenômenos examinados dentro da pesquisa.

Este estudo tratou-se de uma revisão integrativa da literatura científica, realizada na base de dados coleção *Scientific Eletronic Library Online (SCIELO)*. A revisão integrativa é considerada um método de pesquisa que possibilita o rastreo, a análise crítica e a síntese do estado do conhecimento sobre determinado assunto. (MENDES, SILVEIRA E GALVÃO, 2008).

Ainda segundo os mesmo autores, esse tipo de revisão obedece seis etapas: 1. identificação do tema e elaboração da questão norteadora; 2. definição dos critérios de inclusão, exclusão e busca na literatura; 3. coleta e extração de dados; 4. análise crítica dos estudos incluídos; 5. discussão dos resultados e 6. apresentação da revisão integrativa.

Foram utilizados como critérios de inclusão para a realização deste estudo: artigos publicados nos últimos dez anos, ou seja, no período de 2007 a 2017, divulgados em textos completos e em língua portuguesa. Como critérios de exclusão foram descartados aqueles publicados antes ou após o período estipulado, textos incompletos, dissertações, teses, editoriais e resumos que não estavam disponíveis na língua portuguesa e àqueles que não responderam à questão norteadora na pesquisa.

Para pesquisa dos artigos, foram usados os seguintes descritores em saúde: “sexualidade e adolescente”, “sexualidade e enfermagem”, “enfermagem e adolescente”. previamente consultadas e presentes biblioteca virtual em saúde (BVS) interligados por meio do operador booleano and.

Os operadores booleanos que segundo Santos, Pimenta e Nobre (2007) são considerados conectores, que proporciona à realização de combinações entre os descritores utilizados na pesquisa.

Os descritores acima levaram a um total de 181, após passarem pelos critérios de inclusão e exclusão chegou-se a 38 artigos e destes apenas 10 aderiram à temática por tratarem do tema propriamente dito, e responderem a questão de pesquisa, como pode ser observado na tabela 1.

TABELA 1 - Distribuição das referências indexadas identificadas, excluídas e selecionadas nas bases eletrônicas de dados.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	TEXTOS COMPLETOS	PORTUGUÊS	2007-2017	ARTIGOS	ADERÊNCIA A TEMÁTICA
181	173	145	95	38	10

Para maior fidedignidade do trabalho, utilizou-se também a pesquisa documental como método complementar, levando em consideração que o enfermeiro desempenha funções pré-estabelecida em programas e projetos governamentais, fez-se necessário o uso desses documentos para responder com mais notoriedade a questão de pesquisa e atingir os objetivos estabelecidos. Desse modo o estudo analisou documentos oficiais publicados pelo Ministério da Saúde.

Pesquisa documental pode ser entendida como:

Fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise (SEVERINO, 2007, p.122).

O estudo realizado identificou um total de 11 artigos dos quais 05 são pesquisas qualitativas, 03 quantitativas, 02 revisões integrativas e 02 relatos de experiências, pôde-se observar que houve maior expressividade na pesquisa qualitativa, achando-se em estudos exploratórios e descritivos maiores evidências.

Os desenhos metodológicos citados propiciam a familiarização com um assunto ainda pouco discutido ou pouco explorado, apesar da crescente necessidade. Para Gil (2008) ao final de uma pesquisa exploratória, o pesquisador deverá conhecer mais sobre o assunto estando apto a construir hipóteses sobre a

temática. Este tipo de estudo dependerá da intuição de quem pesquisa e geralmente descreve as características de uma população, fenômeno ou experiência.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O quadro sinóptico descritivo 01 apresenta 10 artigos identificados por ordem alfabética de A até J e trazem diversos objetivos, entre os quais se destacam os de identificar o papel do enfermeiro na educação sexual dos adolescentes e compreender a percepção dos adolescentes quanto a sua sexualidade. Esses artigos atenderam aos critérios de inclusão e foram distribuídos conforme suas análises metodológicas em um quadro sinóptico descritivo, o qual foi nomeado como TABELA 2.

Id	Título	Autor e Ano de publicação	Tipo de estudo	Objetivos	Resultados esperados /conclusão	Periódico de origem
A	PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES SOBRE UMA AÇÃO EDUCATIVA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL REALIZADA POR ACADÊMICOS(A S) DE ENFERMAGEM	Fonseca, Gomes e Teixeira 2010	Pesquisa qualitativa	Conhecer a percepção dos adolescentes acerca das ações de orientação sexual realizadas em uma escola do interior do Rio Grande do Sul e identificar fragilidades e potencialidades das ações, visando o fortalecimento do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE).	Percebeu-se que o tema sexualidade para os adolescentes é tido como tabu no seio familiar, sendo os amigos a fonte de informações. Identificaram-se as potencialidades de projetos sobre orientação sexual na escola, incluindo esse equipamento social como sendo indispensável, pois além de trazer conhecimentos que irão implicar no seu processo de viver auxiliam o enfrentamento de problemas sociais individuais e coletivos que afetam os adolescente.	Esc Anna Nery Rev Enferm
B	O Enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes	Oliveira, et al/ 2008.	Estudo de abordagem qualitativa	-Compreender a participação dos enfermeiros, na atual política de atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes; - Identificar como está sendo realizado o acolhimento dos adolescentes nos serviços de saúde; - Descrever como	O estudo possibilitou compreender que o enfermeiro está inserido nas ações ligadas a saúde do adolescente, seja no âmbito das UBS quanto no contexto escola. Identificaram-se ainda que condições de trabalho a que os enfermeiros das UBS estão submetidos são precárias, faltam materiais educativos, estrutura física ideal e atividades educativas; associados a esses fatores estão os	Rev Bras Enferm

				a atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes está inserida nas ações do enfermeiro, na perspectiva da integralidade.	inúmeros programas para desenvolver na unidade de saúde, o que impossibilita o desempenho pleno voltado aos adolescentes.	
C	Elementos de vulnerabilidade individual de adolescentes ao HIV/AIDS	Toledo, <i>et al.</i> 2010	Revisão Integrativa	Identificar as evidências científicas da literatura sobre os elementos da dimensão individual da vulnerabilidade de adolescentes ao HIV/AIDS.	Identificou-se que Muitos adolescentes de risco ou possuíam conhecimentos incorretos e/ou insuficientes sobre prevenção e transmissão do HIV, além de terem uma prática diferente do discurso, sabem o correto, porém não praticam.	Rev Bras Enferm
D	SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: MITOS E TABUS	Martins, <i>et al.</i> 2012	Pesquisa quantitativa	Identificar alguns tabus e mitos relativos à sexualidade, vivenciados pelos adolescentes matriculados no primeiro ano do ensino médio, na rede estadual de ensino do município de Cuiabá-MT.	Os adolescentes acreditam que o uso de álcool e/ou outras drogas influenciam no aumento do desejo sexual, além disso, acreditam que possa haver gravidez durante a menstruação e identificou-se a falta de dialogo no seio familiar sobre a temática. Por se tratar de um tema ainda tabu para os adolescentes a maior fonte de informações são os amigos.	Ciencia y Enfermeria
E	Oficinas com professores: educação em saúde para o manejo com adolescentes	Silveira, <i>et al.</i> 2012	Relato de Experiência	Descrever a experiência da inserção de estratégias de educação em saúde operacionalizadas, em especial, pelo profissional enfermeiro no cenário escolar	A experiência realizada mostrou que há um distanciamento entre os serviços de saúde, de assistência social e de educação. Além disso, nas próprias instituições que dão suporte ao adolescente, há falta de recursos materiais técnicos e humanos, fatores estes que limitam a qualidade do serviço prestado.	Acta Paul Enferm.
F	OFICINAS SOBRE SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: REVELANDO VOZES, DESVELANDO OLHARES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO	Soares, <i>et al.</i> 2008	Pesquisa de abordagem qualitativa	Compreender como os adolescentes de um município da região norte de Minas Gerais - Brasil vivem e exercitam sua sexualidade.	O estudo possibilitou compreender que para os adolescentes a sexualidade está quase sempre limitada às relações sexuais entre duas pessoas de sexo oposto, além disso, percebe-se a gritante diferença na compreensão de assuntos ligados a sexualidade entre meninas e meninos;	Esc Anna Nery Rev Enferm
G	Adolescente e Sexualidade: as possibilidades de um projeto de extensão na busca	Martins e Souza. 2013	Relato de Experiência	Relatar a experiência de um Projeto de Extensão piloto de educação sexual para	Foram atendidas 22 turmas do primeiro ano do ensino médio havendo adesão total dos alunos a todas as temáticas trabalhadas no projeto de extensão, tais	av.enferm.

	de uma adolescência saudável			adolescentes do ensino médio das escolas públicas de Cuiabá – MT	como: mudanças corporais, vivência segura da sexualidade, DST's, vulnerabilidades na adolescência, entre outros. Os métodos utilizados no trabalho possibilitaram a discussão do assunto além o aspecto puramente biológico, levando em consideração os mitos e tabus relativos a sexualidade.	
H	Adolescência e sexualidade: <i>scripts</i> sexuais a partir das representações sociais	Macedo <i>et al.</i> 2013	Estudo descritivo com abordagem qualitativa	Apreender as representações sociais de adolescentes Sobre sexualidade, a partir de suas experiências pessoais.	Identificou-se a dificuldade de estudar representações sociais no grupo investigado, por existir a limitação do conhecimento teórico do assunto.	Rev Bras Enferm
I	PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES SOBRE SUA SEXUALIDADE	Freitas e Dias 2010	Estudo quantitativo	Conhecer as percepções dos adolescentes sobre o desenvolvimento da sua sexualidade	Os adolescentes revelaram que seus interesses em relação à sexualidade estão ligados principalmente à afetividade e à busca de um parceiro, ou seja, à procura do objeto sexual. Ainda relatam preocupação com a prevenção de DST, gravidez na adolescência e com os conflitos que vivenciam nessa fase, como um momento de transição.	Texto Contexto Enferm
J	AÇÕES EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS POR ENFERMEIROS BRASILEIROS COM ADOLESCENTES VULNERÁVEIS ÀS DST/AIDS	Luna <i>et al.</i> 2012	Revisão Integrativa	Identificar os estudos produzidos por enfermeiros brasileiros sobre as ações educativas desenvolvidas com adolescentes para a prevenção de DST/AIDS.	Identificou-se que a maioria dos estudos produzidos pelos enfermeiros levam o método qualitativo, uma vez que não se podia dissociar o sujeito da realidade em que vive e buscaram principalmente a compreensão dos adolescentes quanto a sua sexualidade e o papel do enfermeiro da educação sexual. Os artigos analisados apontam que se torna imprescindível a expansão das ações da enfermagem para atuar efetivamente com os adolescentes e jovens, pois não basta informar.	CIENCIA Y ENFERMERIA

TABELA 2. QUADRO SINÓPTICO DESCRITIVO.

Para análise e discussão desta pesquisa, foram utilizados dados científicos encontrados na literatura por meio de 10 artigos criteriosamente selecionados, os quais contemplam em sua totalidade o tema abordado no trabalho, além disso,

utilizaram-se documentos disponibilizados pelos Ministérios da Educação e da Saúde que possibilitassem a responder a questão norteadora desta pesquisa.

A partir do contexto citado, o presente estudo elencou 3 categoriais advindas da análise dos artigos selecionados. Essas foram intituladas de: Vulnerabilidade na adolescência, Projetos de assistência à saúde do adolescente na escola, As principais dificuldades enfrentadas pelo enfermeiro na educação sexual de adolescentes na educação básica, e As estratégias utilizadas para reduzir as limitações enfrentadas pelos adolescentes no tocante a sexualidade no contexto da educação básica.

4.1. VULNERABILIDADE NA ADOLESCENCIA

De acordo com os estudos A, B, C e G foi identificada que a adolescência é uma fase da vida considerada vulnerável às questões inerentes a sexualidade, isso se deve as mudanças corporais e psicossociais atreladas à falta de conhecimento adequado sobre temática.

Toledo, Takahashi e De-La-Torre-Ugarte-Guanilo (2011) revelam tal fato quando afirma que os adolescentes têm iniciado cada vez mais cedo à vida sexual, por isso constitui uma fase de maior vulnerabilidade, não somente pelas mudanças biopsicossociais, mas também pela necessidade que o adolescente trás consigo de descobrir o novo e experienciar riscos.

O fato de buscar viver essa fase da vida de forma intensa e rápida acaba por vezes causando a redução do tempo para refletir sobre questões acerca da responsabilidade. Fonseca, Gomes e Teixeira (2010) afirmam que viver a sexualidade de maneira tão intensa sem antes pesar as consequências, aumenta a vulnerabilidade infecções sexualmente transmissíveis, a gravidez precoce e o abortamento, que podem comprometer de forma efetiva a qualidade de vida deste público.

É evidente que o adolescer está em seu processo natural, devido às próprias mudanças corporais, psicologias e sociais, atreladas a riscos e vulnerabilidade, levando isso em consideração faz-se necessário a intervenção de atores sociais que possam contribuir de forma significativa e positiva na formação desses indivíduos.

Para Oliveira, Carvalho e Silva (2008) os ensinamentos sobre educação sexual devem ser iniciados precocemente, além disso, transcorrer de forma

continuada e estar inserida na formação de todos os adolescentes, devendo ter seu ponto de partida inicial no seio familiar, pelos pais, integralizada no ambiente escolar e pelos profissionais que fazem a saúde.

A escola é considerada um equipamento social educador, capaz de fomentar no adolescente o conhecimento necessário para que ele viva bem a sua sexualidade, por isso esse instrumento deve estar mais aberto a assuntos ligados à temática.

Ao oferecer educação sexual, a escola coopera de forma eficaz com os estudantes para que os mesmos optem por viver de forma saudável, tomando decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual, agora e no futuro, além de programarem valores e entendam o próprio comportamento (FONSECA, GOMES E TEIXEIRA 2010).

O fato de a escola estar aberta a discutir assuntos relativos à sexualidade em seu ambiente é uma conquista e segundo dados do IBGE (2015). Segundo o órgão, só no ano de 2015 cerca de 80% dos adolescentes escolares do Brasil com idade de 13 até 17 anos tiveram orientações sobre AIDS e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis como está exposto na TABELA 3.

Tais atitudes possibilitam uma mudança na situação atual relacionada a saúde do adolescente, tendo como consequência adultos mais saudáveis (VIERO, 2015).

Tabela 3 - Percentual de escolares com idade de 13 a 17 anos que receberam orientação, na escola, sobre AIDS ou outras Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).
Unidade Territorial – Brasil
Grupo de idade - 13 a 17 anos
Ano – 2015
Sexo – Total
Dependência administrativa da escola
Pública
80%

Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

É justamente por esse motivo que a escola se torna essencial no processo formativo e de conscientização, professores unidos aos profissionais da saúde podem desenvolver um trabalho de excelência nestes ambientes por atingirem um grande percentual da população adolescente, rapazes e moças, que quase não

procuram os serviços de saúde, tendo o ambiente escolar como a oportunidade de discutir os riscos das DSTs/AIDS, da gravidez, entre outros (OLIVEIRA, CARVALHO E SILVA 2008).

4.2. PROJETOS DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE DO ADOLESCENTE NA ESCOLA

Nos últimos anos a adolescência tem sido vista como uma fase do desenvolvimento humano que requer atenção dos profissionais de saúde, devido às inúmeras transformações que acontecem em todas as áreas da vida.

Nos estudos A e H vem reafirmar essa realidade quando em seu estudo cita que a cada dia o adolescer têm ganhado visibilidade, tornando-se indispensável a abordagens do tema sexualidade com esta população.

O Brasil em 1998 abre a oportunidade e coloca oficialmente esse tema em discussão através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), propondo como objetivo: “promover reflexões de técnicos, professores, equipes pedagógicas, bem como de pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica da escola no trato de questões da sexualidade” (Brasil, 1998, p.287).

Esse fato é um importante marco, pois insere de uma vez por todas no contexto escolar o debate a questões relacionadas à sexualidade, porém ainda faltava incluir no cotidiano dos profissionais de enfermagem esse mesmo contexto.

Foi então que nos 2000, a Associação Brasileira de Enfermagem juntamente com o Ministério da Saúde, apresentou ao país o “projeto acolher” tinha a iniciativa de incentivar os profissionais enfermeiros a programarem e disseminarem em suas práticas profissionais a reflexão ligada à saúde sexual dos adolescentes. (Martins e Souza 2013)

Já no ano de 2006 o Ministério da Saúde divulgou o “marco teórico e referencial: saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens”. O referido documento foi considerado um progresso, pois contemplou de um publico especial, garantindo a integralidade da assistência. o marco englobou: jovens em medidas socioeducativas, jovens deficientes, questões ligadas a discriminação à gravidez precoce, mercado de trabalho, relação entre drogas e prática sexual inadequada,

homossexualidade, raça e outras diversidades de temas que penetram a realidade dos adolescentes e jovens brasileiros (Brasil, 2006).

Em nível nacional e ainda em pleno funcionamento pode-se citar o PSE (Programa Saúde na Escola) como sendo uma das maiores conquistas da atualidade relacionadas a Educação em Saúde, haja vista os escassos programas que atendem a esse público.

O Programa de Saúde na Escola - é um programa vinculado a duas entidades importantes do país, o ministério da saúde e o da educação, instituído pelo Decreto nº 6.286, de 2007 (BRASIL, 2007), têm o objetivo desenvolver ações de segurança alimentar, promoção de atividades físicas e relacionadas educação sexual, neste sentido aborda principalmente temas que estimulem a práticas saudáveis e de prevenção as doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e entre outros.

Este programa é voltado para avaliar as condições de saúde dos estudantes e desenvolver ações de segurança alimentar, promoção de atividades físicas e relacionadas educação sexual, neste sentido aborda principalmente temas que estimulem a práticas saudáveis e de prevenção as doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e entre outros, o PSE tem como público alvo estudantes da rede pública educacional (BRASIL, 2013)

Após ser estabelecido como programa nacional o PSE configura de forma definitiva e positiva o vínculo imprescindível entre saúde e educação, tornando essa junção necessária para potencializar o desenvolvimento de competências em saúde no contexto escolar e a criação de um elo entre os dois serviços.

Ainda segundo o Ministério da Saúde, dentro do PSE contempla o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) que é mais uma intervenção com o objetivo de colaborar de forma integral no processo formativo dos estudantes da rede pública de educação básica através de atividades que visem a prevenção, promoção e atenção à saúde. (BRASIL 2013).

Torres et al (2012) revela em sua pesquisa que apesar de o programa existir, não existem mecanismos que atraiam os adolescentes e falta capacitação para que esses sejam implementados, desse modo, a assistência torna-se fragmentada.

Barreira, Rodrigues e Antunes (2015) referem que os Enfermeiros devem participar da construção desses programas e projetos, além de atuarem no desenvolvimento dos mesmos.

No contexto estadual foi encontrado um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte denominado “Meu corpo fala, mas será que eu entendo?”. O projeto aborda o tema sexualidade de uma forma ampla, dando uma nova visão para que os adolescentes possam enxergar a sua sexualidade não de forma limitada, abordando temas que vão desde o desenvolvimento do corpo até as questões relativamente ligadas ao ato sexual.

É de suma importância que a universidade esteja inserida no contexto da comunidade escolar, principalmente quando se realizam atividades de extensão pois esse tipo de atividade, pelas experiências dos estudos E e H imprime nos adolescentes hábitos saudáveis e impulsiona os adolescentes a viverem sua cidadania de maneira mais responsável.

4.3 AS PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO ENFERMEIRO NA EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Para a efetivação dos projetos e programas de saúde do adolescente o profissional enfermeiro enfrenta inúmeras dificuldades, é o que se pode observar nos estudos B, E e H.

Apesar das atuais políticas e projetos de atenção à saúde do adolescente, a maior parte dos serviços não possuem ações voltadas para esse público. Oliveira (2008) em seu estudo revela que os atendimentos, principalmente os que se referem a sexualidade, se dão por meio de demanda espontânea, ou seja, espera-se que os próprios adolescentes procurem o serviço.

Oliveira (2008) ainda coloca em sua pesquisa algumas condições que dificulta a aceitação e a procura desses adolescentes aos serviços de saúde, como por exemplo, a dificuldade de agendar consultas, a falta de confiabilidade, privacidade e os juízos de valores que são feitos.

Frente a essa realidade Martins e Souza (2013) através de uma experiência realizada em sua pesquisa afirma a necessidade de se investir com urgência na capacitação dos profissionais de atendem essa população.

Outra dificuldade encontrada no dia a dia dos enfermeiros que dificultam o trabalho é a existência de outros programas e projetos, além do serviço burocrático e da limitação na mão de obra, nesse caso a falta de priorização das atividades voltadas a adolescentes se dá devido a falta de pessoal suficiente para assistir esse publico, nesse caso o estudo k apresenta a necessidade de inserir outros profissionais, articulando-se com outras representações sociais que possam contribuir na superação dessas dificuldades.

Silveira (2012), na sua pesquisa coloca a falta de materiais e recursos como condição que mais limita o enfermeiro na educação sexual, corroborando com essa realidade está o estudo B do quadro sinóptico, onde o mesmo afirma que a falta de material didático tem impossibilitado o desenrolar das atividades e a formação educativa dos adolescentes.

Com as realidades encontradas na literatura acerca das dificuldades que os enfermeiros enfrentam para efetivação do seu trabalho, se faz necessário traçar metas e estratégias para que não se deixe de colocar em prática no dia a dia de sua profissão a atenção tão primordial ao adolescente.

4.4. AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA REDUZIR AS LIMITAÇÕES ENFRENTADAS PELOS DE ADOLESCENTES NO TOCANTE A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

São inúmeros os meios que podem ser adotados pelo profissional de enfermagem com a finalidade de alcançar os adolescentes e tentar reduzir as limitações enfrentadas por eles, a fim de reverter o cenário de vulnerabilidade que esses estão expostos.

Uma tática utilizada pelos enfermeiros do estudo b para driblar a falta de tempo é abortar o tema sexualidade na própria consulta individual, independente causa que o adolescente esteja procurando o serviço. Nesses momentos há uma grande troca de informações, onde a clientela tem privacidade de estar sozinhos

com os profissionais e é uma oportunidade de promover saúde (OLIVEIRA, ET AL 2008).

Mas acredita-se que a assistência em saúde voltada para esse público alvo demanda maior atenção por parte dos profissionais de saúde que a vivenciam na atenção básica por meio da utilização das ferramentas disponíveis para o processo de educação em saúde,

Os estudos A, D, E, e H trazem abordagens educativas como forma eficaz de lidar com a temática. Fonseca, Gomes e Teixeira (2010) citam que os trabalhos de que abordam a sexualidade são indispensáveis para o para que impasses que afetam os adolescentes na sociedade, sejam individuais ou coletivos, sejam vencidos.

Corroborando com os autores citados, Martins e Souza (2013) incentivam a criação do elo entre a educação e a saúde, de acordo com o estudo e utilizar o espaço da escola para promover a saúde dos adolescentes resulta numa mudança de atitude e capacita os indivíduos a atuarem de forma mais responsável.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio Torres *et al* (2012) refere que o trabalho em conjunto da escola, saúde e da sociedade consegue atingir o adolescente em sua totalidade, fazendo que as ações de saúde sejam mais eficazes, permitindo-se que eles sejam assistidos de forma integral.

E a escola se apresenta na maioria dos estudos como sendo o ambiente mais favorável para desenvolver atividades de abordagem a sexualidade e trazem o enfermeiro como sendo profissional capacitado para tratar do assunto.

É comum que nessa fase da vida os indivíduos se privem de tratarem do assunto com a família conforme mostra o estudo d, sendo comum abordarem o assunto com os amigos, nessa perspectiva é interessante proporcionar espaços para o debate sobre sexualidade com pessoas capacitadas para esclarecerem os questionamentos levantados por eles.

Uma estratégia adotada pelos enfermeiros e que observada nos estudos é a realização de oficinas e trabalhos em grupo. Oliveira et al (2008) revela que essa modalidade se torna eficiente devido os adolescentes procurarem sempre se

relacionarem com pessoas com as mesmas similaridades deles. Luna et al (2012) refere que a atividade grupal proporciona uma maior liberdade de expressão, onde os indivíduos trocam experiências e interagem entre si.

Porém, para que essa realidade seja eficiente deve-se fazer uso de uma linguagem clara, utilizando palavras que se adeque ao cotidiano desses indivíduos do que termos puramente científicos, de acordo com o estudo a isso facilita a criação de vínculo e o estreitamento dos laços entre o profissional e o adolescente.

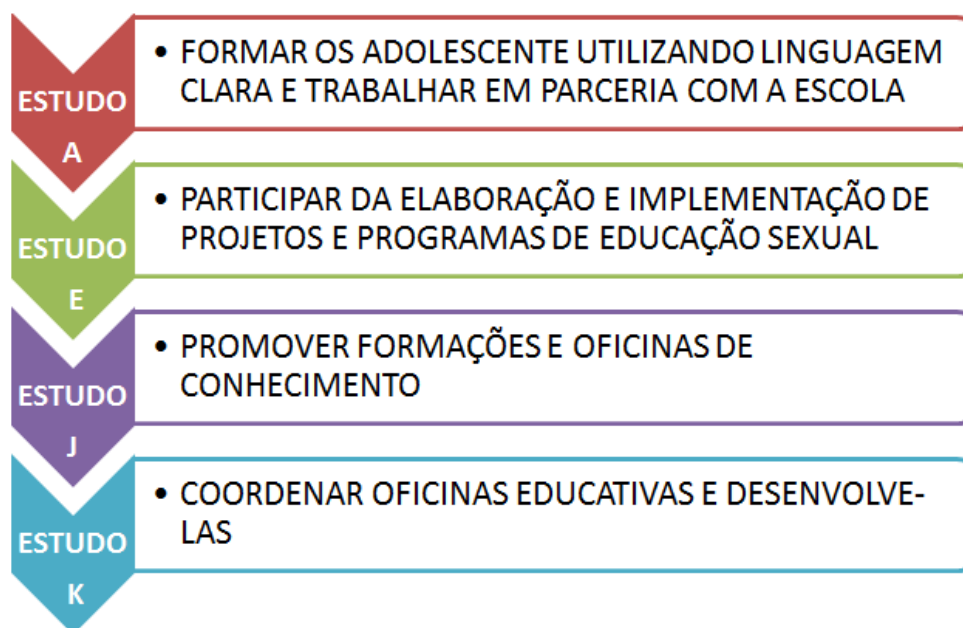
Freitas e Dias (2010) confirmando essa teoria afirmam que trabalhando dessa forma permite-se conhecer as especificidades dessa fase da vida, não só com o olhar unidirecional, mas numa visão ampla, garantindo a formação dos educadores e integralidade da assistência prestada pelos profissionais da saúde.

Para Martins, et al (2012), a efetivação de oficinas de educação em saúde no cenário escolar, principalmente as desenvolvidas por profissionais da saúde oportunizam resultados positivos por propiciarem mudanças na conduta dos adolescentes, corroborando com isso está o estudo E.

Com isso pode-se perceber a inserção da enfermagem no contexto da educação sexual de adolescentes, ficando clara a indispensabilidade desses profissionais.

Sintetizando os estudos A, E, J e K sobre o papel do enfermeiro na promoção de ações que tratem da questão da educação sexual de adolescentes no cenário escolar, organizamos um diagrama apresentando de ações simples para ações mais complexas que podem ser realizadas pelo enfermeiro, objetivando orientar sobre a temática sexualidade no contexto escolar.

DIAGRAMA 1: Ações que podem ser desenvolvidas pelo Enfermeiro para discussões sobre Educação Sexual para Adolescentes em uma parceira Saúde e Educação.



O Diagrama 1 Ações que podem ser desenvolvidas pelo Enfermeiro para discussões sobre Educação Sexual para Adolescentes em uma parceira Saúde e Educação, apresenta inicialmente que deve ser adotado pelo enfermeiro uma linguagem clara, através de parceria se elaborar projetos e programas que abordem a temática da educação sexual e promover formações e oficinas de conhecimento sobre a temática.

Desse modo a enfermagem configura-se como uma profissão que tem responsabilidade na educação e orientação dos adolescentes e este papel vai desde a prevenção, sendo assim a atuação do enfermeiro é de extrema relevância neste contexto de dúvidas, e escolhas.

5. CONCLUSÃO

Este estudo possibilitou uma maior compreensão acerca do papel do enfermeiro frente a vivencia da sexualidade dos adolescentes. Ao analisar o acervo científico que compôs essa revisão integrativa pode-se identificar a adolescência como sendo uma fase da vida que está exposta a inúmeros processos de vulnerabilidade, isso em consequência de um conhecimento limitado ou equivocado,

incentivando dessa forma uma maior reflexão sobre as atuais políticas de saúde pública que tratem do assunto e que podem combater tal realidade.

Observou-se ainda que os profissionais de enfermagem estão inseridos nesses programas e desempenham um protagonismo relevante por estarem inseridos na comunidade, quando através do seu trabalho proporcionam aos adolescentes momentos de educação em saúde com oficinas e discussões para tratar do assunto, isso contribui de forma significativa para que esses indivíduos possam vivenciar responsavelmente os prazeres e os limites de sua sexualidade.

Outro aspecto observado e que é mister destacar são as dificuldades que os profissionais encontram para efetivar as atividades com os adolescentes, como por exemplo: a falta de tempo devido a alta quantidade de serviços burocráticos, a escassez de material didático que implica diretamente na qualidade das abordagens, a falta de material humano e os inúmeros outros programas que é de responsabilidade do enfermeiro, tais exercícios limitam a atuação do enfermeiro com os adolescentes, uma saída para essas limitações encontradas pelos enfermeiros foi a de abordar os adolescentes nas consultas individuais independente do motivo que o mesmo procurou o serviço.

Entretanto o atual paradigma social demanda uma nova forma de atender e assistir essas pessoas, esse paradigma está alicerçado nos princípios da inclusão, os quais devem compreender e assistir o indivíduo de acordo com as suas subjetividades, no campo da saúde este princípio está garantido em forma de leis, onde os dispositivos legais colaboram para uma assistência eficaz no que diz respeito ao SUS.

Os dados apresentados ao longo do estudo indicam que a educação sexual de adolescentes e a profissão de enfermagem estão intrinsicamente ligadas, porém apesar da relevância do tema e considerando a dimensão de vulnerabilidade em que o adolescente está exposto no que tange a sexualidade, percebeu-se a limitação no acervo científico disponível surgindo à necessidade de explorá-lo mais através da pesquisa de campo.



**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

O PAPEL DO ENFERMEIRO NA EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES

SILVA, JOÃO HENRIQUE GONÇALVES¹

PESSOA, KARINE SYMONIR DE BRITO²

JOANA DARC DANTAS SOARES³

ABSTRAC

Adolescence is a period marked by various modifications and discoveries, in this period arise questions and desires of the adolescent, causing them to seek a new way of living which most often includes unprotected sex. Faced with this reality, health professionals and educators should come together to develop projects that work on sex education. The purpose of this study is to understand the role of nurses in the sexual education of adolescents in basic education. It is a literature review, whose inclusion criteria included studies published in the period between 2007 and 2017, available in the Scientific Electronic Library Online, Portuguese language, complete structure of scientific article, using the search terms : Sexuality, Adolescence and Nursing. Adolescence is seen as a phase of life exposed to sexuality vulnerabilities, either because adolescents have access to sex education or because they have misinformation about it. The studies point to the school as a social equipment that can contribute positively in this aspect and the nursing professionals as being a professional capacity to deal with the subject, the excess of bureaucratic services and the shortage of didactic material complicate the interventions, however one must watch this Public in an innovative and effective way so that they can live responsibly the pleasures and limits of their sexuality.

Keywords: Sexuality, Adolescence, Puberty, Sex education. Nursing

¹ Graduando em Enfermagem – jh_goncalves@hotmail.com

² Prof^ª. Dr^ª. Orientadora – karine.symonir@gmail.com

³ Prof^ª. Ms. Coorientadora – joanadarc_enfe@hotmail.com

6. REFERÊNCIAS

BRASIL, Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2007.

_____. Lei nº. 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 set. 1990, Seção 1, p. 18.055. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/legin.html/visualizarNorma.html?idNorma=365093&PalavrasDestaque=>>. Acesso em: 23.04.2017.

_____. Ministério da Saúde. Programa saúde do adolescente - PROSAD: bases programáticas. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Marco legal: saúde um direito de adolescentes. Brasília, 2007b.

_____. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União* 1990; 16 jul.

_____. Ministério da Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. *Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e Jovens*. Brasília: MS; 2006.

_____. Ministério da Saúde. Saúde e prevenção nas escolas: guia para a formação de profissionais de saúde e de educação. Brasília (DF); 2006.

_____. Ministério da Saúde. Saúde integral dos adolescentes e jovens: orientações para a organização dos serviços de saúde. Brasília, 2005

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. Área técnica de Saúde de Adolescente e Jovem. Caderneta de Saúde do Adolescente. Brasília, 2012.

_____. Ministério da Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Área Técnica de Saúde de Adolescente e Jovem. Caderneta da saúde do adolescente, 2ed. Brasília, 2013.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de saúde do escolar 2012. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pense/pense-2015> Acesso em: 30 Maio 2017

_____. Resolução nº 466 do Conselho Nacional de Saúde, de 12 de Dezembro de 2012. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html> Acesso em: 16 set. 2016.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos. Brasília (DF); 1998.

BARREIRA, Ivo et al. Cultura organizacional da família como preditor das atitudes e comportamentos sexuais em adolescentes. **Revista de Enfermagem**

Referência, [s.l.], v. , n. 6, p.17-25, 30 set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087402832015000600003>. Acesso em: 02 maio 2017.

COSTA MCO, Santos BC, Souza KEP, Cruz NLA, Santana MC, Nascimento OC. HIV/AIDS e sífilis entre gestantes adolescentes e adultas jovens: fatores de exposição e risco dos atendimentos de um programa de DST/HIV/AIDS na rede pública de saúde/SUS, Bahia, Brasil. *Rev Baiana Saude Publ.* 2011;35(1):179-95.

FONSECA, Adriana Dora da et al. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos(as) de enfermagem. **Escola Anna Nery**, [s.l.], v. 14, n. 2, p.330-337, jun. 2010 Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452010000200017>. Acesso em: 25 mar. 2017.

FREITAS, Kelly Ribeiro de et al. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto & Contexto - Enfermagem**, [s.l.], v. 19, n. 2, p.351-357, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072010000200017&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 02 maio 2017.
GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos De Metodologia Científica. 7. ed. São Paulo:Atlas, 2010.

LIMA, Livia Julienne da Silva. A EQUIPE DE SAÚDE DA FAMÍLIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR. Rondônia, 2014.

LIMA, Livia Julienne da Silva. A equipe de saúde da família e a educação sexual na adolescência: um estudo em uma unidade de saúde da família. 2014. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde, Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Porto Velho, 2014.

LUNA, Izaildo Tavares et al. AÇÕES EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS POR ENFERMEIROS BRASILEIROS COM ADOLESCENTES VULNERÁVEIS ÀS DST/AIDS. **Ciencia y Enfermería**, [s.l.], v. 18, n. 1, p.43-55, abr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532012000100005>. Acesso em: 02 maio 2017.

MACEDO, Senei da Rocha Henrique et al. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 66, n. 1, p.103-109, fev. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000100016>. Acesso em: 02 maio 2017.

Martins, Christine Baccarat De Godoy; Souza, Solange Pires Salomé De. Adolescente e Sexualidade: as possibilidades de um projeto de extensão na busca de uma adolescência saudável. **Av. Enferm**, V. 31, N. 1, p.170-176, 2013. Disponível em: <www.scielo.org.co/pdf/aven/v31n1/v31n1a16.pdf> Acesso em: 02 maio 2017.

MATIAS-PEREIRA, José. Manual de metodologia da pesquisa científica. 3.ed. – São Paulo: atlas. 2012.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto- Enferm.**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p.758-764, out/dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/18.pdf>. Acesso em: 11 de Março de 2017.

OLIVEIRA, Thays Cristina de; CARVALHO, Liliane Pinto; SILVA, Marysia Alves da. O enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 61, n. 3, p.306-311, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000300005>. Acesso em: 02 maio 2017.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos da escola à academia. 4.ed. São Paulo. 2013.

RÜCKER, Eveline. MODIFICAÇÕES CORPORAIS E PSÍQUICAS DA ADOLESCÊNCIA FRENTE À CHEGADA DA PUBERDADE E SEXUALIDADE. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí – Rio Grande do Sul

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Rodrigo Eurípedes da et al. Oficinas com professores: educação em saúde para o manejo com adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, [s.l.], v. 25, n. 2, p.169-174, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002012000900027&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 02 maio 2017.

SOARES *et al.* Avaliação do comportamento sexual entre jovens e adolescentes de escolas públicas. **Adolesc. Saude**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 76-84, abr/jun 2015

SOARES, et al. Avaliação do comportamento sexual entre jovens e adolescentes de escolas públicas. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 76-84, abr/jun 2015.

SOARES, Sônia Maria et al. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Escola Anna Nery**, [s.l.], v. 12, n. 3, p.485-491, set. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1414-81452008000300014>>. Acesso em: 02 maio 2017.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-Ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TOLEDO, Melina Mafra; TAKAHASHI, Renata Ferreira; DE-LA-TORRE-UGARTE-

GUANILO, Mónica Cecilia. Elementos de vulnerabilidade individual de adolescentes ao HIV/AIDS. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 64, n. 2, p.370-375, abr. 2011. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000200024>. Acesso em: 02 maio 2017.